
O PENSAMENTO CURRICULAR E OS MOVIMENTOS SOCIAIS

Nilda Alves^(*)
Nilton Alves de Almeida^(**)

O grupo de pesquisa no qual desenvolvemos nosso trabalho se filia à corrente de pesquisa chamada de “pesquisas nos/dos/com os cotidianos”. Há algum tempo, estamos pesquisando os cotidianos com imagens, sons e narrativas considerando-os como ‘personagens conceituais’ tais como a esses Deleuze e Guattari (1992) os explicitaram e sobre os quais Alves (2012) já escreveu que são:

aqueles que ‘fazemos falar e perguntar por nós’, como Deleuze indica que o personagem “o Idiota” faz para Descartes, ou melhor, como Descartes faz com seu personagem “o Idiota”. Ou seja, como o ‘outro’ com que ‘conversamos’ permanentemente, que nos vai colocando perguntas, que nos obriga a pensar para fazer ‘caminhar’ o pensamento e com o qual criamos *conhecimentos significações* com tudo o que vamos acumulando, organizando e articulando ao desenvolver as pesquisas (p.226)

Por esse motivo, iniciamos este artigo convidando o leitor a buscar, no endereço abaixo, imagens e narrativas (nesse artigo não trataremos de sons) produzidas em movimentos sociais de professores, no sentido de nos ajudar a pensar questões acerca dos currículos *praticados pensados*¹ (OLIVEIRA, 2012) nas escolas:

<http://prezi.com/jzkvk_pultfr/?utm_campaign=share&utm_medium=copy>

SOBRE A DINÂMICA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Antes de mais nada, como em qualquer processo que denuncie dinâmicas sociais injustas, precisamos reconhecer que aparecem, para denunciá-las, tanto ações individuais, como movimentos de grupos. Ou seja, estes últimos são, também, a reunião de muitos seres humanos que,

^(*) Pesquisadora visitante sênior da UERJ, com atuação no ProPEd (www.proped.pro.br), entre 2012-2014 e 2014-2017; pesquisadora 1 A, do CNPq, sendo líder do GRPESQ ‘Currículos, redes educativas e imagens’. Membro fundador do Laboratório Educação e Imagem (www.lab-eduimagem.pro.br).

^(**) Bolsista TCT, da Faperj, ligado à pesquisa “Redes educativas, fluxos culturais e trabalho docente – o caso do cinema, suas imagens e sons”, sob a coordenação de Nilda Alves.

¹ Lembramos, ainda uma vez, que este modo de escrever tem a ver com os limites que as dicotomias criadas no desenvolvimento das ciências na Modernidade criam, hoje, para o desenvolvimento do pensamento nas pesquisas com os cotidianos.

individualmente juntos, se indignam com determinada situação social e querem sua mudança. Esses movimentos existiram em, praticamente, toda a história da Humanidade, em especial, depois do aparecimento de classes sociais, quando uns poucos se aproveitam do trabalho de muitos para seu proveito.

No capitalismo, esses movimentos surgem intensamente e as estruturas políticas tentam controlá-los através de normativas – legais - ou pelo uso da força. Assim, ao lado de “companhias comerciais”², sindicatos e partidos políticos que se organizam do lado dos que controlam o capital, surgem sindicatos e associações – eventualmente, partidos políticos – do lado dos trabalhadores. Tudo dentro de uma ‘ordem’ pensada a partir das forças sociais hegemônicas.

Esta ‘ordem’ obtida para criar a possibilidade de tomar medidas de repressão para os que não se colocavam dentro dela – seja pela força, com a existência de ‘forças da ordem’, em número crescente, seja pela lei, levando a julgamentos perante juízes – o que se tentava/tenta fazer era/é ‘disciplinar’ a força dos movimentos sociais populares, sempre caóticos. O caos desses movimentos era/é inaceitável – porque não controlável - e, quando estes apareciam, foram – e continuam sendo - sistematicamente reprimidos, pela força. Quando, com o surgimento das chamadas ‘ciências sociais e humanas’, passaram a ser estudados pelas ciências, os movimentos caóticos foram sistematicamente ignorados ou eram vistos como acidentais. A busca da ‘ordem’, hegemonicamente, determina, então, a existência de políticas disciplinares, seja pelas forças práticas de governos, seja pela tentativa de organização do pensamento sobre elas, mas, também, durante quase dois séculos, os estudos da sociedade se dedicaram a estudar as formas ‘organizadas’ de movimentos naqueles lugares permitidos pelo próprio capitalismo, como as únicas existentes.

No entanto, e permanentemente, os movimentos ‘caóticos’ insistiam em aparecer, sem controle pelo poder e sem a compreensão, pelo lado daqueles que os estudavam – de Marx a Gramsci, passando por Lenin e todos os acadêmicos que desenvolviam suas pesquisas em torno de ‘políticas’ – de suas dinâmicas de *surgimentodesaparecimento*.

A lógica social/cultural dominante era/é a da linearidade e o modo de pensamento hegemônico era/é o arbóreo: a criação de conhecimentos se dá dentro da metáfora da árvore; a

² Como exemplo, lembramos a Companhia Holandesa das Índias Orientais ou Companhia Neerlandesa das Índias Orientais, formalmente Companhia Unida das Índias Orientais (em holandês, "Vereenigde Oost-Indische Compagnie", com a sigla VOC) que foi uma companhia majestática formada por holandeses, em 1602 - dois anos depois da formação da Companhia Inglesa das Índias Orientais – com o objetivo de tentar excluir os outros competidores europeus daquela importante rota comercial. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Companhia_Holandesa_das_%C3%8Dndias_Orientais>, visualizado em 10.11.2015.

“árvore do conhecimento” que aparece para permitir a criação das ciências, reconhecendo que há, por um lado, a árvore do conhecimento divino e, por outro, a árvore do conhecimento humano (DARNTON, 1986). Esse processo, desde o seu surgimento, não admite que existam outras formas de criação de pensamento e as ciências se criando como ‘a verdade’ passam a entender que os ‘outros’ conhecimentos, se existentes, precisam ser superados, pois são lugar do engano, do erro, da ‘não verdade’.

No entanto, permanentemente, novos conhecimentos³ são criados nos cotidianos em nosso permanente caos social. Mas as dinâmicas dessa criação são melhor expressas pela metáfora das redes – sempre inúmeras – que os seres humanos formam e nas quais se formam. Por isto, nós as temos estudado como “redes educativas”.

Ora, viver significa criar, em permanência, *conhecimentossignificações* que nos permitam viver. Interessa, neste caso, muito pouco, se esses *conhecimentossignificações* são ‘verdadeiros’: interessa que nos ajudam a viver, que são necessários para nos permitir suportar os dramas, as alegrias, as calmas e as turbulências do viver cotidiano.

É nestas lógicas que os movimentos sociais cotidianos – chamados de “novos” quando não puderam mais ser ignorados ou invisibilizados - fazem política, no caos. Eles se organizam de modo rizomático, com “desaparecimentos”, ainda inexplicáveis a nossos olhos, criados nos sentidos dominantes na Modernidade, e grandes momentos de aparecimento, sempre surpreendentes. Assim, aconteceu através da História humana, assim aconteceu, recentemente, nos movimentos que tomaram as ruas de inúmeras cidades no mundo todo a partir de 2011 e em junho de 2013, as ruas das cidades – pequenas, médias e grandes – do Brasil. A perplexidade das “forças da ordem” foi imensa, bem como sua brutalidade em muitos casos. Essa perplexidade apareceu, ainda, mais uma vez, do lado do pensamento sobre políticas e ‘movimentos sociais’ que não conseguia ‘enquadrar’, convenientemente, estes movimentos que não se “organizavam” do modo que era conhecido e permitido por nossos modos de pensá-los: “estavam fadados ao fracasso porque não organizados” (em partidos, em sindicatos etc), ouvimos inúmeras vezes nestas ocasiões.

A nossos olhos, forjados para a linearidade, esses movimentos que “aparecem repentinamente”, assim os víamos e sobre eles pensávamos, não permitem a continuidade, são caóticos: onde estão suas lideranças? Onde se reúnem para decidir o que fazer? Para onde irão, em

³Lembramos que temos usado sempre *conhecimentossignificações* porque entendemos que ao criar conhecimentos os seres humanos criam, no mesmo processo, significações que justificam os conhecimentos criados e os mostram como necessários a pequenos ou grandes grupos.

seguida? Como podem garantir sua continuidade se estas respostas anteriores não podem ser respondidas por nós? Um de nossos poetas maiores – o romântico Castro Alves – no entanto nos disse, há muito, que “a praça/a praça é do povo/como o céu é do condor”⁴.

No entanto, eles aparecem nos surpreendendo sempre. Há anos, sentindo que iriam começar um movimento para seu ‘impeachment’, no dia 06 de setembro de 1991, o presidente Collor de Mello foi para a televisão para pronunciar um discurso, buscando apoio neste veículo de comunicação – que tanto tinha se colocado a seu favor, nas eleições. Ao final de sua fala – como o dia seguinte era feriado – ele conclama o “povo brasileiro” a ir às ruas, vestido de verde e amarelo. Quem viveu aquele feriado deve se lembrar que amanhecemos, pelo menos em todas as grandes cidades brasileiras, com panos pretos nas janelas, com as pessoas vestidas de preto ou com faixas de luto nos braços. Nas ruas, as pessoas, assim vestidas, sorriam cordialmente umas para as outras, em sinal de reconhecimento. É bom lembrar que a internet não existia naquele então. Em seguida a isto, se desenvolveu um período em que estudantes – inicialmente os secundaristas – foram para as ruas, sendo chamados de os “caras pintadas”, pelas mídias. O resto da história conhecemos... O congresso ‘caçou’ o mandato de Collor e seus direitos políticos por dez anos. Mas isto não deu para chamar a atenção dos cientistas sobre estas ‘outras’ formas de organização/manifestação, fazendo-os trabalhar sobre estes caóticos movimentos. Nos movimentos mais recentes – entre 2011 e 2013 – no máximo os estudos se dedicaram a discutir a existência da internet e como “neste veículo nada dura”, concluíram que esses movimentos não deveriam durar...E como sempre, eles ‘desapareceram’. Alguns entre esses cientistas, no entanto, em especial depois dos inúmeros movimentos que reuniram milhões de seres humanos nas ruas, nos últimos tempos, começaram a buscar compreendê-los.

Assim, do lado das pesquisas sobre políticas, alguns cientistas importantes, começaram a melhor analisar estes movimentos. Um deles, que já se interessava pela idéia de redes⁵, há muito – Manuel Castells – produz um livro sobre esses movimentos (CASTELLS, 2014), buscando compreender que contribuições às políticas estavam trazendo, que aspectos complexos os caracterizam e mesmo a questão de sua duração temporal, buscando à ideia de rizomas ou de redes para apoiar seu desenvolvimento. Começávamos, assim, a compreensão de que “eram repentinos,

⁴ Estes versos foi lembrado um sem número de vezes nos dias de junho/2013 – antes e depois - nas mídias, como o fez Jorge Mautner em <http://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2014/06/1472136-jorge-mautner-a-praca-e-do-povo-como-o-ceu-e-do-condor.shtml>, comemorando um ano dos movimentos do ano anterior, visto em 13.11.2015. Os versos são do poema ‘O povo ao poder’. (<http://www.jornaldepoesia.jor.br/calves4.html>, visto em 13.11.2015)

⁵ Lembramos seus três livros: Castells (1999 a, b, c)

sem continuidade”, isto visto, anteriormente, como qualidades negativas. Começávamos, assim a compreendê-los como outro modo de ser e organizar necessário ao viver humano, em seus cotidianos.

Na Educação, as pesquisas com os cotidianos, já há algum tempo, vinham buscando entender esses movimentos. Lembramos, por exemplo, o texto de Alves (2010 a), no qual se anuncia que, brevemente, irá acontecer. Diz esta autora, ao final do texto:

As forças sociais hegemônicas e toda a periferia que se forma para proteção de seu campo e desejosa de “chegar ao rei”, como tão bem nos descreveu Bourdieu (1989), nos mesmos processos que as fizeram socialmente hegemônicas, perdem a condição de compreender e mesmo de ver tudo aquilo que lhe é contrário: as múltiplas saídas e os diferentes processos em curso produzidos pelas necessidades sociais e buscando soluções para elas. Em resumo: perdendo a condição de entender o que se forma como diferente, só consegue ver – quando os movimentos sociais se fazem presentes, durante as crises – forças a serem “liquidadas”. Durante um tempo variado, os “executores da ordem estabelecida”, representantes das forças hegemônicas, ávidos por também chegarem ao rei – pensando que chegam a rei, algum dia, talvez –, são os mais perfeitos inventores “do que é melhor para todos” e que vem a ser o menos oneroso para os que decidem, realmente, as coisas. Mas os movimentos estão aí, como as “batatinhas”⁶ que não queremos/podemos ver, e a vida continua, para cada um de nós, com maiores ou menores dificuldades. As privatizações avassaladoras das décadas de 1980, único movimento entendido como possível naquele então, por tantos, com a última crise das bolsas – que me faz perguntar, perplexa, todos os dias: o que são “sete trilhões de dólares”, mesmo? – estão precisando ser revertidas, “pelo menos pros de Braga” (como lembra Eça, ao descrever o Concílio de Trento), ou seja, os bancos precisam do dinheiro público, nova legislação protetora do dinheiro público é necessária... E tudo isso pelos mesmos proclamadores da irreversibilidade da “corrente da privatização”. E os graves problemas sociais – de emprego, de saúde, de educação, de habitação, de transporte etc. – continuam exigindo soluções. Quando virão? Esperemos, em breve, nos cinemas, “o surgimento assustador das batatinhas”... Sem dúvida, um filme de terror para os “hegemônicos” (p. 1210-11).

Essa ‘previsão’ se transforma em acontecimento em junho-julho de 2013, no Brasil – dois anos e meio depois da publicação. A autora do texto, sem nenhuma pretensão a pitonisa, não estava

⁶No texto da revista, por correção equivocada do revisor e por cegueira da autora – que não viu esta correção, incorreta – aparece a palavra ‘baratinha’ ao invés da palavra correta ‘batatinha’, que remete a idéia de rizoma. Corrigimos aqui.

fazendo, de fato, uma previsão. Estava, exclusivamente, usando lógicas diferentes das hegemônicas que usamos com tanta frequência. Ao trabalhar com as redes e a ideia de rizomas, esta autora sabe que esses movimentos surgem, periodicamente, trazendo à tona, ao mundo visível de outras lógicas e metáforas, algo que, como magma, ‘borbulha’ permanentemente, que como a tiririca – mato que é o terror nos campos brasileiros – ‘nasce’ quando uma grande chuva aparece depois de um extenso período de seca.

Do lado daquelas que estamos chamando “as forças da ordem”, em seguida a ações muitas vezes brutais para impedir o “caos”, visto sempre como perigoso, começaram a tomar certas providências. Em um só exemplo, que nos toca diretamente: o chefe de polícia do estado do Rio de Janeiro, por exemplo, começou a percorrer os corredores dos diversos poderes, em Brasília, levando na mão, um projeto de lei que transforma “todos os que participam desses movimentos fora da ordem” em “terroristas” – termo da moda no mundo político da repressão⁷. Sem ser muito ouvido até o fim do ano passado, com a eleição de Cunha para a presidência da Câmara Federal e a violenta maré conservadora que estamos vendo acontecer – com PECs (propostas de emenda à constituição) de todo o tipo, fazendo voltarmos para trás em conquistas importantes como: proibição do aborto em quaisquer circunstâncias; ensino do “criacionismo” nas escolas; redução da maioria penal; negação da existência da política nas escolas; etc O que tem feito com que grupos voltem às ruas para se manifestar contra as mesmas.

PENSAR OS CURRÍCULOS EM REDES EDUCATIVAS

Pensar, então, estes movimentos rizomáticos, em currículos, apareceu para nós como real possibilidade de superação de alguns clichês existentes no campo educacional, com fortes ressurgimentos no presente, do tipo: “a escola antes era melhor”; “os professores não sabem usar os novos modos de ensinar com as novas tecnologias que vão surgindo”; “os professores estão mal formados”; “os conteúdos do ensino devem ser implementados dentro da ideia de igualdade para todos, através de ‘conteúdos comuns’ – tipo “parâmetros curriculares”, “base nacional comum”; etc

Desse modo, o pensamento que desenvolvemos em torno em torno de currículos vem sendo organizado – em especial em relação à formação de professores, mas não só – nas redes educativas que todos nós formamos, em nossa vivência cotidiana, e na qual nos formamos sempre em relação

⁷Este artigo está sendo revisado e finalizado depois dos atos ‘terroristas’ em Paris, da noite de 13.11.2015 que incrementou bastante este debate, com uma afirmativa dominante por parte do governos europeus e outros: “estamos em guerra e nossa resposta precisa ser dada à bala”.

com outros. Até o presente, estamos compreendendo que estas redes, todas elas em que práticas e teorias são desenvolvidas e articuladas, podem ser assim enunciadas: a das *práticas teorias* da formação acadêmica; a das *práticas teorias* pedagógicas cotidianas; a das *práticas teorias* das políticas de governo; a das *práticas teorias* coletivas dos movimentos sociais; a das *práticas teorias* das pesquisas em educação; a das *práticas teorias* de produção e ‘usos’ de mídias; a das *práticas teorias* de vivências nas cidades, no campo ou à beira das estradas ou de rios⁸. Essas tantas redes educativas vêm sendo estudadas, no grupo de pesquisa⁹, tanto nas características de cada uma, como em suas múltiplas e complexas relações.

Interessa-nos, no âmbito deste artigo, as redes das *práticas teorias* coletivas dos movimentos sociais. Aquelas que nos indicam a influência que os movimentos sociais vêm tendo nas mudanças de currículos, em especial, em nosso país.

Essas redes precisam ser compreendidas tanto nos modos como se desenvolvem, como quanto às articulações que possuem com os diversos tipos de movimentos, bem como naquilo que têm indicado – conseguido ou não – quanto a necessidades e possibilidades de mudanças. Esses movimentos se referem, nos trabalhos que desenvolvemos, não aos modos como as forças hegemônicas se organizam e fazem pressão para continuar a sê-lo, mas aos movimentos populares, que buscam mudar democraticamente os processos desenvolvidos em prol da Educação pública no Brasil.

Os primeiros grupos – aqueles que representam as forças hegemônicas – vêm sendo representados, no Brasil, por fundações bancárias e outras que têm trabalhado para a privatização do ensino público, em um movimento que vem levando ao que tem sido chamado de o “apostilamento da Educação”: com a firme ideia de que “o professor não sabe nada” e que “nas escolas públicas basta o conteúdo mínimo comum”, estes grupos vêm se apresentando, em praticamente todos os estados brasileiros e na grande maioria dos municípios, como produtores de ‘apostilas’ que, entregues a professores e estudantes, pretendem dar este mínimo de modo correto e que permita aos estudantes fazerem as provas nacionais com sucesso¹⁰.

⁸Essas ideias que vêm sendo trabalhadas no grupo de pesquisa e apareceram assim organizadas, pela primeira vez, em ALVES (2010 b).

⁹Lembramos que estas redes nomeiam o nosso GRPESQ: ‘Currículos, redes educativas e imagens’.

¹⁰Mais uma vez, dirijo o leitor ao excelente dossiê organizado por Luiz Carlos de Freitas, na revista Educação e Sociedade (FREITAS, 2012), sob o título "Políticas públicas de responsabilização na educação", bem como ao blog deste pesquisador, sempre muito atualizado: <http://avaliacaoeducacional.com/>. Indico também, o dossiê da ABdC (Associação Brasileira de Currículo) organizado por Elizabeth Macedo e Maria Luiza Sussekind, sob o título “Debates

Outro grupo, desses primeiros grupos, tem sido representados, também, por evangélicos que, no Parlamento brasileiro, vêm buscando fazer passar leis que invertem o sentido laico da escola pública no Brasil.

Os segundos movimentos se apresentam muito variados e têm a ver com a busca de mais democracia no país, com tratamento respeitoso e diferenciado – e não mais ‘equalizador’ - para aqueles que, durante muito tempo, eram vistos e tratados como “minorias”. Assim, atuam buscando a inserção de negros, homossexuais, mulheres nas esferas públicas, entre as quais se destaca a visibilidade nos estabelecimentos públicos ligados aos processos educativos e, fortemente, nos cotidianos escolares. Disto resulta a compreensão de que mudanças curriculares precisam ser alcançadas. Temos tratado, até o presente, o grande movimento, de forças muito variadas, que resultou na produção, pelo Conselho Nacional de Educação, das múltiplas diretrizes curriculares, hoje existentes. Nelas, também de modo muito variado, as diferenças de todo tipo e a necessidade de respeito claro às mesmas, têm sido indicadas como importantes na criação e no desenvolvimento de currículos pelos diversos movimentos que se articularam para produzi-las, bem como se referindo aos diversos níveis e modalidades de ensino, tanto quanto, para os modos e níveis de formação dos docentes. É neste sentido, que os diversos movimentos educacionais brasileiros, organizado em torno das ideias indicadas vêm se opondo à criação de uma BNCC (Base nacional comum de currículo) mesmo com esta estando indicada no PNE (Plano Nacional de Educação), pois estamos entendendo que a mesma rompe com a ideia de diversidade necessária que encontramos expressa na Constituição, na LDB (Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996) e nas diretrizes a que nos referimos¹¹.

Atualmente, com a existência da Internet e pelas ações de informação e comunicação que permite aos praticantes pensantes dos cotidianos a visibilidade desses movimentos e de suas formas diferentes de organização - intermitentes, caóticas e diversificadas – vamos buscando compreender esses novos movimentos para além daqueles que surgiram nos inícios do capitalismo, entendendo, assim, sua importância para o nosso viver cotidiano e as influências que exercem nos tantos processos curriculares em curso.

em torno da idéia de bases curriculares nacionais”, na revista E-Curriculum, da PUC/SP (MACEDO e SUSSEKIND, 2014).

¹¹ Indicamos a leitura no site da ANPED (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa) da Moção 12 - Contrária à Base Nacional Comum Curricular, aprovada em sua Assembleia geral, da 37ª Reunião Nacional da ANPED, realizada entre os dias 4 e 8 de outubro na UFSC, em Florianópolis. (file:///C:/Users/windows7/Downloads/Mo%C3%A1%E2%88%86o%2012_37%C2%B6RN_Contr%E2%80%A0rio%20C3%96%20Base%20Nacional%20Comum%20Curricular%20(1).pdf), visualizada em 17.11.2015.

Outro aspecto que as pesquisas com os cotidianos têm permitido é a compreensão de que o “estado caótico” dos processos curriculares cotidianos são condição de sua própria existência e não “anomalias” a serem superadas como as idéias da Modernidade nos fizeram criar (ALVES, 2012). O caos existente permite multiplicidade de ações que precisam ser compreendidas nos valores que agregam aos processos curriculares local e globalmente, em alguns momentos mais ‘agudos’ de crise educacional.

BUSCANDO UM FINAL PARA O TEXTO

Em uma pesquisa na qual estamos apenas no início – apesar de nela estarmos há trinta anos – e que busca compreender a complexidade dos movimentos sociais e das redes educativas nas relações com os currículos, é difícil falar em conclusão. No entanto, é preciso terminar este texto, fruto da mesa organizada pela ABdC (Associação Brasileira de Currículo), durante o VIII Seminário Internacional “As redes educativas e as tecnologias: os movimentos sociais e a Educação”, em junho de 2015.

Assim, compreendendo, como dissemos, que nossas ações cotidianas se dão em múltiplas redes educativas, nas quais criamos, permanentemente, *conhecimentos significações*, vamos podendo estudar e analisar esses movimentos, chamados de “novos movimentos sociais”, em seu desenvolvimento rizomático (DELEUZE E GUATTARI, 1995), como, necessariamente, caóticos e intermitentes. Ou seja, em seus momentos de atuação e criação visíveis e em seus momentos de desaparecimento, pelo menos para nossos ‘olhos’ acostumados ao que é considerado ‘desenvolvimento’ pelos modos de pensar hegemônico. Para estes, só podemos considerar que há os movimentos crescentes e lineares, sempre para frente e cumulativos e visíveis a nossos olhos – afinal *aprendemos ensinamos* que é assim que o “progresso” funciona. No entanto, a compreensão atual permite perceber que nunca é assim ou nunca é só assim. As pesquisas que desenvolvemos têm ajudado a melhor compreender isto.

Nas pesquisas com os cotidianos e de outras correntes do pensamento curricular, temos podido compreender que várias têm sido as contribuições dos múltiplos movimentos sociais às propostas curriculares em desenvolvimento, hoje, nas escolas brasileiras. Lembremos algumas delas: a) o acréscimo de “disciplinas” – melhor seria dizer “componentes curriculares”¹² – ou

¹²Há muito, temos discutido que pensar em ‘disciplinas’ para o modo de *fazer pensar* os currículos têm sido muito limitante e não diz o que é preciso dizer sobre como os conteúdos são articulados, em especial, na Escola básica, mas também em cursos de formação docente (LOPES, 1999; ALVES, 2001).

simplesmente de novos ‘conteúdos’ em disciplinas já existentes que tratam de uma ou outra questão de interesse dos *praticantespensantes* (CERTEAU, 1994; OLIVEIRA, 2012) desses movimentos; b) o aparecimento de “cotas” nas universidades brasileiras e o direito de se auto-declarar seu pertencimento racial; c) o direito de ser chamado, na escola, em todos os seus níveis, pelo nome de gênero indicado/decidido por seu portador e não por aquele escrito na certidão de nascimento; etc

Buscando compreender esses movimentos, vamos aprendendo a perceber seus momentos de ‘desaparecimentos’ como momentos necessários a processos que ainda não entendemos muito bem - mas que é necessário entender melhor, já que exercem influência em processos curriculares vários. Com isto, sua discussão nas outras redes educativas se faz indispensável.

Ao lado disto, seria necessário lembrar ainda os movimentos de professores – escolhidos para serem mostrados nas imagens mostradas no início deste texto - que têm buscado melhores condições de trabalho nas escolas. Esses movimentos, aqui e ali, estão sempre presentes, como no momento em que encerramos este artigo e no qual nossos corações se voltam para a resistência que as escolas paulistas estão fazendo ao fechamento irresponsável e sem justificativa que o governo desse estado vem fazendo em sua rede¹³, usando o movimento de ‘ocupação’ de escolas, até agora não usado por este movimento. Com apoio grande da população diretamente interessada – docentes, estudantes, responsáveis destes – esta expressão de movimentos populares vai nos ensinando coisas sobre currículo, com certeza. Outra característica ‘nova’(?) deste movimento é que começando com os estudantes e o Movimento dos Trabalhadores sem Teto, segundo a mídia escrita¹⁴, com participação do Sindicato de Professores, foi tendo adesão de muitos. Estejamos atentos!

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Currículos em 'espaçotempos' não escolares- isso existe? - redes educativas como o outro em currículo. In: Lucíola Licínio de Castro P. Santos; André Márcio Picanço Favacho. (Org.). *Desafios contemporâneos no campo do currículo*. Belo Horizonte/ MG: UFMG, 2012: 223-236.

_____. A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação. In Revista Educação e Sociedade. Campinas: CEDES, dez/ 2010 a, vol.31, no.113: 1195-1212. <http://www.scielo.br/pdf/es/v31n113/08.pdf>, visualizado em 15.11.2015.

_____. Redes educativas 'dentrofora' das escolas, exemplificadas pela formação de professores. In: SANTOS, Lucíola, DALBEN, Ângela e LEAL, Júlio Diniz Leiva (Orgs.). *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: Currículo, Ensino de Educação Física, Ensino de Geografia, Ensino de História, Escola, Família e Comunidade*. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2010 b: 49-66.

¹³Remetemos, ainda uma vez, ao blog de Luiz Carlos de Freitas (ver nota 9).

¹⁴ <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2015-11/secretaria-de-educacao-diz-que-30-escolas-publicas-estao-ocupadas-em-sp>>, visualizado em 20.11.2015.

ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite. A construção do conhecimento e o currículo dos cursos de formação de professores na vivência de um processo. In ALVES, Nilda (org). Formação de professores – pensar e fazer. S. Paulo: Cortez, 2001: 73 – 88.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1989.

CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança – movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede/a era da informação: economia, sociedade e cultura – a sociedade em rede*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, vol. 1, 1999 a.

_____. *A sociedade em rede/a era da informação: economia, sociedade e cultura – o poder da identidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, vol. 2, 1999 b.

_____. *A sociedade em rede/a era da informação: economia, sociedade e cultura – fim de milênio: tempo de mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, vol. 3, 1999 c.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

DARNTON, Robert. Os filósofos podam a árvore do conhecimento: a estratégia epistemológica da ‘Encyclopédie’. In DARNTON, Robert. *O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesas*. Rio de Janeiro: Graal, 1986: 247-275.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Rizoma. In DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia – vol. 1*. S. Paulo: Ed. 34, 1995: 10 – 36.

_____. Personagens conceituais. In DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992: 81 – 109.

FREITAS, Luiz Carlos de (org). Dossiê “Políticas públicas de responsabilização na Educação”. In Revista *Educação e Sociedade*. Campinas/SP: CEDES, junho/2012, n.119, vol. 33. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0101-733020120002&lng=pt&nrm=iso, visualizado em 23.06.2015.

LOPES, Alice Ribeiro Casimiro. *Conhecimento escolar: ciência e cotidiano*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

MACEDO, Elizabeth e SUSSEKIND, Maria Luiza (orgs). Dossiê ABdC “Debates em torno da ideia de bases curriculares nacionais”. In *Revista E-Curriculum*. S. Paulo: PUC, out-dez/2014, v. 12, n. 3. <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/issue/view/1331>, visualizado em 23.06.2015.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Currículos e pesquisas com os cotidianos: o caráter emancipatório dos currículos ‘pensados/praticados’ pelos ‘praticantes/pensantes’ dos cotidianos das escolas. In: Carlos Eduardo Ferrazo e Janete Magalhães Carvalho (orgs.). *Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades*. Petrópolis: DPetAlli, 2012: 47-70.

RESUMO

O artigo mostra os modos como as redes educativas que todos formamos e nas quais nos formamos atuam na criação de currículos nos cotidianos escolares. Essas redes atuam nos processos curriculares, sendo entendidas como de práticas-teorias e como articuladas de modos diferentes em espaços-tempos diversos. Uma dessas redes é denominada como a “das práticas-teorias coletivas dos movimentos sociais”. A partir desta rede, nos processos que dentro/fora dela são desenvolvidos tanto por forças hegemônicas como pelas forças sociais diversas, com apoio no pensamento de Deleuze e Guattari e Castels, buscamos indicar como se dão as relações das diversas propostas existentes nessa rede de movimentos sociais com as propostas curriculares em curso na atualidade no Brasil.

Palavras-chave: Redes educativas. Movimentos sociais. Propostas curriculares.

ABSTRACT

The article shows the ways how the educational networks that we all form and the ones which we form ourselves act on the curriculum creation at school everyday life. Those networks act in the curriculum processes, being understood as practice-theories and as articulated in different ways in sundry space-times. One of these networks is named as “the collective practice-theories of the social movements”. From this network, in the processes that in and out its are developed such by hegemonic forces as divers social forces, with support in the thinking of Deleuze and Guattari and Castels, we search to indicate how happen the relation of the sundry curriculum proposals existing in the social movements network with the curriculum proposals present in today’s Brazil.

Keywords: Educational Networks. Social Movements. Curriculum Proposal.

Submetido em: setembro de 2015

Aprovado em: dezembro de 2015